

PANORAMA DO MERCADO TÊXTIL BRASILEIRO FRENTE À CONCORRÊNCIA CHINESA – CASO COTEMINAS

Ana Paula Pedro Siena

Fabiula Rolzão Nogueira

Marcelo Da Silva Morais

Oscar Ferreira De Menezes Neto

RESUMO

Este trabalho apresenta o panorama do mercado têxtil no Brasil e na China, principalmente a partir do ano de 1990 com a abertura do mercado brasileiro e realiza uma comparação entre ambos. Para tanto relata a evolução do setor têxtil brasileiro de 1990 até os dias atuais e identifica aspectos do setor têxtil chinês. Na relação comercial Brasil-China podemos observar um expressivo crescimento desde o ano 2000, com trocas bastantes distintas. Na análise do setor têxtil comprovamos que os produtos chineses são grandes concorrentes da indústria têxtil brasileira, devido a sua grande capacidade competitiva possuindo vantagens principalmente em relação ao baixo custo de produção, o que obriga o setor têxtil brasileiro a utilizar diversas estratégias para se manter no mercado e adotar medidas protecionistas. Focamos as táticas utilizadas por uma empresa do setor têxtil, a Companhia de Tecidos Norte de Minas – Coteminas, que ao longo de sua história fez uso de diversas estratégias para concorrer com os produtos chineses e se destacar no setor. Concluimos que apesar do Brasil apresentar carga tributária, juros e custo de mão-de-obra elevados, algumas empresas brasileiras, como a Coteminas, podem se posicionar estrategicamente e competir com a China.

Palavras-chave: setor têxtil; concorrência chinesa; coteminas.

ABSTRACT

This work shows the panorama of the textile market in Brazil and China, mainly since the year of 1990 with the open of Brazilian market and realizes a comparison between both. In order to that, relates the evolution of Brazilian's range textile since 90's until presently and identifying some aspects of Chinese textile. In the business relationship between Brazil and China it can be inferred an expressive growth since the year of 2000, with petty diverse exchanges. Analyzing the textile range we can evidence that the Chinese products are the greatest competitive of Brazilian's textile industry, due to their wide competitive capability owning advantages, mostly in relation to the low cost of production, witch forces the Brazilian's textile range to utilize several strategy in order to keep itself in the market and being protectionist. It was given focus in the tactics that were used by *Companhia de Tecidos Norte de Minas - Coteminas*, witch along of its history, has been adopting several strategies to contain the Chinese's products and protruding itself in the range. It can be conclude that despite the fact that Brazil shows a tributary charge and the cost of labor heightened, some Brazilians' enterprises like the *Coteminas* can still place themselves in a strategic way, competing against China.

Key-words: textile; chinese competition; *coteminas*.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo do panorama do mercado têxtil no Brasil a partir de 1990, ano da abertura econômica, e na China a partir da reforma econômica e abertura de mercado, fazendo uma comparação entre ambos, devido à importância da indústria têxtil no mercado brasileiro e ao aumento das importações de produtos têxteis chineses, focando as táticas utilizadas pela Companhia de Tecidos Norte de Minas - Coteminas, a maior indústria têxtil do Mercosul, o mesmo está dividido em cinco seções além desta introdução e da conclusão.

Na primeira seção são descritos os objetivos e os procedimentos metodológicos adotados para a construção deste trabalho. A segunda seção apresenta a importância histórica do setor têxtil no processo de industrialização brasileira, o qual tem grande representatividade na economia do país, principalmente devido à balança comercial do setor, a capacidade de geração de empregos e a participação no PIB. A terceira seção relata os grandes progressos industriais e reformas econômicas da China, desde 1950, o que a transformou em uma superpotência econômica do mundo globalizado. A quarta seção descreve a relação comercial Brasil-China que vem apresentando expressivo crescimento desde a década de 90. As trocas realizadas entre os dois países são bastante distintas, enquanto as exportações brasileiras para a China são basicamente de produtos primários, as importações de produtos chineses para o Brasil são compostas principalmente de produtos manufaturados. A quinta seção demonstra a história da Companhia de Tecidos Norte de Minas – Coteminas que passou por diversas transformações e as estratégias que utilizou para enfrentar a concorrência chinesa e se destacar no setor. E por fim são explicitas as conclusões obtidas.

1 OBJETIVOS E METODOLOGIA DE PESQUISA

Este trabalho tem por objetivo principal expor o panorama do mercado têxtil do Brasil e da China, principalmente a partir da década de 90 com a abertura do mercado brasileiro e fazer uma comparação entre ambos. Outro objetivo é identificar aspectos do setor têxtil chinês, com destaque para a industrialização e reforma econômica deste país. Ainda como propósito deste trabalho procurar-se-á verificar quais as estratégias utilizadas pela indústria têxtil brasileira para enfrentar a concorrência dos produtos chineses, com foco no estudo sobre as táticas utilizadas pela Companhia de Tecidos Norte de Minas – Coteminas, por se tratar da maior empresa de produtos têxteis do Mercosul.

Este estudo se justifica pela importância que a indústria têxtil representa no mercado brasileiro, especialmente por ser uma indústria que tem como

característica principal o uso de mão-de-obra intensiva, e pela grande ascensão da China no mercado mundial e ao volume de importações de produtos têxteis chineses no mercado brasileiro.

Diante dos objetivos já apresentados, este estudo é de natureza exploratória qualitativa. O trabalho de investigação foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e documental em livros, artigos científicos, artigos de jornais e revistas e websites especializados no setor têxtil. As informações em relação à empresa objeto do presente estudo (Coteminas) foram colhidas no site da empresa – *www.coteminas.com.br* - e a partir de reportagens constantes em sites especializados e revistas específicas do setor. O processo de pesquisa foi realizado durante dez meses, de outubro de 2006 a julho de 2007. Inicialmente foi pesquisado o mercado têxtil Brasileiro e Chinês e posteriormente foram colhidas informações sobre a empresa Coteminas momento em que também foi realizada uma análise financeira da empresa.

2 A INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA

2.1 A HISTÓRIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL

O período de ocupação do território brasileiro que se estende de 1500 a 1844 tem como característica fundamental a incipiência da indústria têxtil, além de sua descontinuidade devido às políticas econômicas de estímulo ou restrição ditadas pela Metrópole segundo seus interesses. E no período de 1844 a 1913 ocorreu a implantação da indústria no Brasil, especialmente para os ramos têxteis, que foi o pioneiro desse processo. Em 1864, o Brasil já tinha uma razoável cultura algodoeira, matéria-prima básica da indústria têxtil, mão-de-obra abundante e um mercado consumidor em crescimento. Naquele ano estariam funcionando no país vinte fábricas, com cerca de 15 mil fusos e 385 teares. Em 1881, o parque têxtil possuía 44 fábricas e 60 mil fusos e propiciava cerca de 5.000 empregos. Nas décadas seguintes, houve uma aceleração do processo de industrialização e, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, contávamos com 200 fábricas, que empregavam 78.000 pessoas (CORRÊA e MONTEIRO, 2002).

A guerra pode ser considerada como fator decisivo para a consolidação da indústria têxtil brasileira. Nesse período a exportação era prejudicada e havia dificuldade em se importar os bens industrializados, estimulando dessa forma os investimentos e a produção interna, basicamente indústria de bens de consumo, como os têxteis.

Os países exportadores de tecidos e importadores de fibras passaram a substituir progressivamente a matéria-prima importada por fibras artificiais. Com o fim da Segunda Guerra, o Brasil perdeu seus clientes externos de têxteis de algodão, as exportações, que haviam atingido 24 mil toneladas no período de 1942-1947, caíram para 1.596 toneladas em 1951, tendo-se reduzido significativamente nos anos posteriores. Sem novos investimentos, os equipamentos se tornaram obsoletos (CORRÊA e MONTEIRO, 2002).

O setor têxtil só começou a passar por transformações com a fase de industrialização do país nos anos 50. Entretanto os investimentos neste setor foram pouco representativos até 1970, devido à elevada ociosidade e ao alto índice de obsolescência no parque fabril, notadamente na fiação e tecelagem de algodão. Um dos maiores investimentos neste segmento ocorreu em 1968, quando foi implantado no Rio de Janeiro um dos mais modernos parques da época. Ao mesmo tempo, a produção de fibras sintéticas ainda era incipiente.

Devido ao choque do petróleo em 1973, e à conseqüente recessão, em 1974, o setor atravessou forte crise nos anos seguintes. Em 1970 a indústria têxtil, exceto vestuário, empregava cerca de 13% do pessoal da indústria de transformação. Em 1980 a indústria têxtil passou a ser responsável por apenas 8,5% desta mão-de-obra (CORRÊA e MONTEIRO, 2002).

A partir do segundo semestre de 1984, o setor apresentou sinais de recuperação, vindo a consolidar-se em 1985. Entretanto, com a restrição à importação de maquinarias desde 1979 e a proteção do mercado de 1974 a 1989, a indústria se acomodou e teve dificuldades para acompanhar a competição e a modernização que aconteceu mundo afora, somente em maio de 1988, o governo aprovou uma Nova Política Industrial, que facilitou a importação de máquinas, apoiou o investimento em pesquisa e

desenvolvimento e em programas de exportação (CORRÊA e MONTEIRO, 2002).

2.2 A ABERTURA DE MERCADO NA DÉCADA DE 90

Com o intuito de inserir competitividade no seio das decisões empresariais, foram estabelecidas medidas de abertura e modernização da economia no início da década de 90 (Governo Collor). A indústria têxtil foi bastante afetada com esse processo de abertura da economia devido à obsolescência do setor, à gestão empresarial pouco dinâmica de algumas empresas e ao protecionismo reinante até o início de 1990, o que ocasionou custos e qualidade fora dos padrões internacionais.

Para se adequar ao novo padrão comercial, a indústria brasileira passou por um radical processo de reestruturação empresarial e organizacional, com modernização do seu parque industrial, aumento da produtividade e de novas técnicas de gestão.

O grande mercado brasileiro têxtil-vestuário, a partir de então, aberto, passou a ser alvo preferencial de exportadores asiáticos com produtos a preços baixíssimos e de pouca qualidade, conseguindo impactar fortemente a indústria nacional (MOREIRA, 2006). A balança comercial do setor que antes de 1995 era positiva, embora com saldo decrescente, passou a ter déficit.

As conseqüências da abertura comercial para a indústria têxtil foram inúmeras, muitas empresas quebraram, houve aumento do desemprego, deslocamento regional para o Nordeste brasileiro, mudança do mix de produção, intensificação da terceirização da produção, o segmento têxtil tornou de capital intensivo e as importações cresceram cerca de 94% (GORINI, 2000).

Graças a todas essas transformações a produção têxtil cresceu moderadamente entre 1990 e 1999: a produção de fios teve uma taxa acumulada de 10%, a de tecidos planos acumulou 3% e de malhas 30%. Já a produção de confeccionados, incluindo vestuário, acessórios, linha lar e artigos técnicos, cresceu à taxa acumulada de 84% no mesmo período (GORINI, 2000).

O valor da produção da cadeia têxtil em 2003 foi de US\$ 22 bilhões. A participação do segmento nos bens e serviços consumidos no processo produtivo do país foi de 0,84% e empregou cerca de 2,7% da população ocupada. Dentro da indústria de transformação, a cadeia têxtil representou 13% do faturamento e empregou 13,9% dos trabalhadores industriais em 2003.

2.3 A PARTICIPAÇÃO DA CADEIA TÊXTEL-VESTUÁRIO NO MERCADO BRASILEIRO – BALANÇA COMERCIAL.

Além da importância histórica no processo de industrialização brasileiro, as indústrias que compõem as cadeias de produção têxtil-vestuário, são importantes na conjuntura atual do país pela sua capacidade de geração de empregos e potencialidade para contribuir na melhoria da balança comercial nacional (MOREIRA, 2006).

Com 30 mil empresas, o setor emprega 14% da mão-de-obra da indústria de transformação e responde por 17,5% do PIB. De 1990 a 1999, recebeu investimentos no valor de 10 bilhões de dólares e pretende investir mais 8 bilhões de dólares até 2010, segundo a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecções – ABIT (2006).

O comércio mundial de toda cadeia têxtil – incluindo as matérias-primas, fios, fibras, filamentos, tecidos e vestuário – movimentam anualmente cerca de US\$ 450 bilhões. Embora o Brasil seja o 7º maior produtor mundial participa apenas com 0,5% do comércio (com exportações na faixa de US\$ 2,25 bilhões) – ABIT (2006).

O saldo da balança comercial do setor vem caindo desde 1992 e em 1997 chegou a um déficit de US\$ 1.149 bilhão, não tanto por uma queda nas exportações, mas por um aumento significativo nas importações (ABIT, 2006).

A partir de 2001 o saldo da balança comercial têxtil começou a se recuperar, devido ao processo de modernização do setor e a uma importante ajuda do câmbio, que tornou o mercado pouco atrativo para as importações.

No acumulado do ano de 2006, o saldo comercial dos produtos têxteis e de confecções foi de US\$ 61 milhões negativos, uma inversão assustadora se

comparada aos US\$ 684 milhões positivos do mesmo período de 2005. Em cinco anos é a primeira vez que o Brasil fecha o ano deficitário em sua balança comercial. Este déficit crescente é decorrência das condições desequilibradas que o Brasil enfrenta, desfavorecendo totalmente o setor têxtil e de confecção brasileiros vis a nossos concorrentes asiáticos. O grande volume de importações ilegais, o câmbio fixo e desvalorizado, juros impraticáveis para a indústria, além da pesada carga tributária que impede a indústria têxtil brasileira de mostrar a sua competência (ABIT, 2006).

3 CHINA

3.1 INDUSTRIALIZAÇÃO E REFORMA ECONÔMICA DA CHINA

A China vem passando a partir de 1950 por grandes progressos industriais e econômicos. Antes de 1949, a economia chinesa era dominada basicamente pelo setor agrícola, e o setor industrial ainda estava em seu estágio inicial e a pobreza imperava nas áreas urbanas e rurais.

A partir 1950 com a instauração da República Popular chinesa foram investidos grandes esforços para a industrialização e eliminação da pobreza. A estratégia econômica industrial chinesa pode ser dividida em dois períodos: o primeiro antecede o ano de 1979 e o segundo de 1979 em diante (HUIJIONG, 1994).

O primeiro período ocorreu de 1949 até 1978 (período da pré-reforma) onde a estratégia era orientada para dentro, apresentando duas características principais: transferir o sistema de produção privado para a propriedade do Estado e considerar o sistema de planejamento central como o mecanismo principal de implementação da estratégia econômica industrial. Neste período a China conseguiu o progresso econômico que pretendia, tanto em direção à industrialização como na eliminação da pobreza, onde a industrialização foi muito rápida devido aos grandes investimentos e o setor público desempenhou um papel mais importante do que o privado, característica de uma economia semifechada. O governo percebeu que com este modelo econômico não poderia se adaptar às mudanças rápidas da economia internacional, assim, as

reformas e a abertura foram promulgadas, dando início ao segundo período que se inicia no ano de 1979 (período da reforma).

Os principais aspectos da reforma econômica na China compreendem a reforma agrária, reforma do sistema de decisão microeconômica, a reforma do sistema de preços do comércio exterior, reforma do sistema de salários e do mercado de trabalho e a reforma fiscal, o que ocasionou um surto de progresso nas empresas privadas (HUIJIONG, 1994).

Nos anos 90 a China continuou investindo no progresso econômico e social, e para tanto utilizou diversas estratégias econômica-industrial como, o desenvolvimento do setor agrícola, o sistema de responsabilidade familiar, serviço social, educação, ciência e tecnologia; intensificou o desenvolvimento da indústria básica e da infra-estrutura, melhorando a qualidade do produto e o tornando mais competitivo; promoveu o crescimento do setor terciário; desenvolvimento do comércio exterior; desenvolvimento do setor eletrônico; captação de investimentos estrangeiros e utilização do sistema de planejamento e do mercado como meios eficazes para promover o desenvolvimento econômico.

A China representa atualmente o 4º maior PIB do planeta, com um crescimento médio de 9% ao ano a partir da década de 80, chegando a US\$ 2,2 trilhões em 2006 atrás dos EUA, Alemanha e Japão (BANCO MUNDIAL).

A intenção da China é manter um crescimento do PIB próximo a 7% ao ano, a inflação na casa dos 3%, um crescimento anual no volume de comércio da ordem de 8%, além da manutenção de uma taxa de desemprego abaixo de 5% (NASCIMENTO, 2006).

A taxa de juros na China vem sendo fixada ao longo dos anos em níveis inferiores a 2% ao ano, de acordo com o Banco do Povo Chinês, mas, com a entrada da China na OMC, a tendência é que as taxas de juros passem a serem reguladas pela oferta e demanda de capital no mercado o que pode ocasionar sua variação (NASCIMENTO, 2006).

No que se refere à política econômica e fiscal, é de responsabilidade do poder central (ANP) regulamentar e administrar a abertura econômica e as relações comerciais.

3.2 CHINA NO COMERCIO MUNDIAL – SETOR TÊXTIL

A China é considerada como uma superpotência econômica que não para de crescer, é responsável pela produção de nada menos do que 75% dos brinquedos, 55% dos calçados, metade das câmeras digitais, 35% dos celulares consumidos no mundo e 17% dos têxteis (LAHÓZ e CAETANO, 2005).

O mundo inteiro sente as conseqüências da ascensão da China principalmente no que diz respeito aos preços das mercadorias, que no mercado são estabelecidos de acordo com a demanda da indústria chinesa.

Os países desenvolvidos impõem cada vez mais barreiras tarifárias e não tarifárias às importações oriundas da China sob o argumento de baixa qualidade e super exploração do trabalho (VALVERDE, 2006). É bom lembrar que algumas empresas chinesas utilizam meios ilegais para exportar seus produtos.

O setor têxtil é um dos principais mercados competitivos da China principalmente devido às vantagens estabelecidas à custa da abundância e baixo custo de mão-de-obra, possui 1,3 bilhões de habitantes – um quinto da humanidade – e uma população economicamente ativa de mais de 750 milhões de trabalhadores (LAHÓZ e CAETANO, 2005).

Outro fator que contribui para que o setor têxtil chinês tenha vantagem competitiva é a prática de juros baixos que incentiva o investimento da indústria.

As exportações, vendas e lucros da indústria têxtil chinesa cresceram 20% no ano de 2005 em relação ao ano anterior, segundo números da Câmara de Comércio para as Importações e Exportações de Têxteis da China, devido principalmente ao investimento em bens duráveis e inovações tecnológicas. Em 2006 as empresas têxteis chinesas registraram uma produção de US\$ 307,7 bilhões, com um aumento de 21,3%, dos quais 47% corresponderam às exportações, o equivalente a um valor de US\$ 147,1 bilhões, entre os quais se incluem US\$ 52,3 bilhões em tecidos e US\$ 94,8 bilhões em roupas. Para este ano de 2007 espera-se que o setor têxtil chinês cresça 15% apesar as

restrições impostas aos envios a alguns países da Europa e aos EUA (SETOR, 2007).

4 RELAÇÃO BRASIL – CHINA

4.1 RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE O BRASIL E A CHINA

O comércio bilateral Brasil-China está em trajetória de amplo crescimento, e o início desta fase de crescimento acelerado se deve a abertura econômica do Brasil na década de 90 e também ao avanço das reformas econômicas na China que abriu espaço para uma melhor e maior inserção e adaptação desse país à economia mundial. Desde 2001 o comércio entre os dois países vem se intensificando o que permitiu entre 2001 e 2003 um incremento de 317,9% das exportações brasileiras para a China, e as importações proveniente da China evoluíram 75,8% no período (MACHADO e FERRAZ, 2005).

As relações de trocas realizadas entre os países são bastante distintas. Enquanto a pauta de exportações brasileiras para a China é extremamente concentrada em poucos produtos básicos, as importações brasileiras de produtos chineses são muito mais diversificadas, com predominância de produtos manufaturados.

Outra característica importante das exportações brasileiras para a China é o alto grau de concentração em poucos setores produtivos e produtos. Entre 1998 e 2003 o peso dos dois principais setores, a Agropecuária e a Extrativa Mineral, oscilou de 58,1% em 2000 a um mínimo de 47,5% em 2003 (RIBEIRO e POURCHET, 2004).

O sucesso e os ganhos brasileiros com as exportações para a China, não refletem uma estratégia de diversificação, geração de novos mercados e oportunidades comerciais, mas somente o aproveitamento de oportunidades produzidas pelo crescimento das importações chinesas, mediante a elevação da oferta de commodities produzida no país, especialmente as agrícolas.

Já a pauta de produtos importados da China também apresenta um razoável grau de concentração, embora um pouco menor do que o das

exportações, os dois principais, Equipamentos Eletrônicos e Siderurgia, foram responsáveis por cerca de 40% da pauta.

Entre 1999 e 2003 ocorreu um aumento do grau de penetração das exportações chinesas no total das importações nacionais, tendência que pôde ser observada em quase todos os setores.

Embora o comércio bilateral entre o Brasil e a China possa ser considerado bem-sucedido, devido ao seu expressivo crescimento a partir de 1993 até hoje, ele ainda pode ser ampliado consideravelmente, levando em consideração o potencial de crescimento de cada país e do seu mercado consumidor.

4.2 SETOR TÊXTIL – BRASIL X CHINA

A indústria têxtil representa uma das atividades econômicas mais importantes do mundo, movimentando cerca de bilhões de dólares por ano.

O constante crescimento do mercado mundial de têxteis se deu pelo aumento de renda nos países mais desenvolvidos e pela abertura econômica de novos mercados. O maior crescimento relativo é verificado nos países em desenvolvimento, principalmente asiáticos, que utilizam a prática de preços agressivos, pressionando o valor do têxtil para baixo e limitando o mercado de venda de tecidos. Esta alta competitividade está por trás das principais mudanças ocorridas no panorama têxtil internacional e fizeram com que os Estados Unidos e a Europa, tradicionais produtores têxteis, promovessem fundamentais mudanças em suas indústrias, remodelando seu processo produtivo, investindo em automação e melhorando a produtividade (PROCHNIK, 2002).

O Brasil sofre com a forte concorrência dos países asiáticos, principalmente da China e se preocupa com outros fatores desta concorrência além do preço, entre eles está o contrabando e o subfaturamento, pois os registros de saída de têxteis da China indicam números várias vezes superiores aos de entrada no Brasil (ABIT, 2004).

A indústria chinesa possui condições de produção extremamente favoráveis, como o câmbio desvalorizado, a ausência de encargos trabalhistas

e concessão de subsídios, o que provoca uma situação de desigualdade para o setor têxtil brasileiro. A China apresenta custos de produção bem inferiores aos do Brasil. Enquanto a hora trabalhada de uma costureira brasileira custa US\$ 2,80, o salário da chinesa é de US\$ 0,76 nos centros industriais e de US\$ 0,48 no interior. Além disso, no Brasil, a carga tributária encontra-se em 37% contra 17% na China (NEVES, 2007).

Outros fatores contribuem para que o custo da produção no Brasil seja alto, segundo a ABIT é o preço da energia elétrica que subiu 370% desde a criação do Plano Real em 1994, enquanto os produtos têxteis foram reajustados apenas 17%; e os problemas de infra-estrutura, principalmente na área de transportes.

O Brasil é um país altamente competitivo no setor de tecidos de algodão, por contar com auto-suficiência de abastecimento local de matéria-prima de boa qualidade, e disponibilidade de energia, além de um setor industrial moderno e inovador neste segmento. No entanto, o que falta a médio e longo prazo é trabalhar para a redução do custo Brasil, acordos comerciais com os principais mercados de consumo, como os EUA e União Européia, e pela criação de plataformas de confecção de maior escala.

As estratégias dos países avançados não se resumiram apenas em reduzir custo, a partir do momento que perceberam o forte desenvolvimento dos países emergentes no setor têxtil, recorreram a diversas formas de protecionismo, tanto no âmbito da política comercial quanto na política industrial.

Entre 1974 e 1994, têxteis e couros passaram a seguir as regras do Acordo Multifibras (Multifibre Arrangement – MFA), o qual estabelecia restrições quantitativas através de cotas, acordos bilaterais e ações unilaterais, isso quando importações de determinados produtos ameaçavam causar danos à indústria do país importador. Objetivamente esse acordo visava expandir o comércio de têxteis, diminuindo as barreiras comerciais e alguns efeitos que por ventura prejudicasse países importadores e exportadores (PROCHNIK, 2002).

Em 1995 foi criado o Acordo de Têxteis e Vestuário (Agreement on Textile and Clothing – ATC), com a intenção de integrar o setor as regras promovidas pelo GATT (Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio) em 1994. A essência do acordo envolveu progressivamente a liberalização das cotas já existentes até o fim do ano de 2004, quando isso ocorreu, todas as cotas foram removidas (PROCHNIK, 2002).

Finalmente em 3 de março de 2006 a China assinou com o Brasil um acordo de restrição voluntária de exportação de produtos têxteis do país para o Brasil que começou a vigorar a partir de 3 de abril do mesmo ano.

O acordo prevê que a própria China restrinja a exportação de têxteis para o Brasil. Foram fixados limites de crescimento para oito categorias de têxteis que representam cerca de 60% do total da exportação de têxteis da China para o Brasil. Os limites de crescimento variam de 8% a 12% ao ano, dependendo do produto. Mas o acordo foi incapaz de brevar o expressivo crescimento das importações de tecidos e vestuário vindas do país asiático (MERCADO, 2006).

Apesar da importação dos produtos incluídos no acordo terem caído pela metade em um ano, cedendo de 61% em 2005 para 37% em 2006, os demais produtos que compõem a cadeia têxtil apresentaram um expressivo crescimento de 156% em 2006. Graças a esse movimento, as importações brasileiras totais de produtos têxteis vindas da China subiram 59% (LANDIM, 2007). Observou-se que o acordo apenas disciplinou as importações, mas não reduziu ou inviabilizou o comércio, para tanto é necessário que ocorra uma renegociação.

O crescimento da China é baseado na massificação, a indústria brasileira vinha apostando na diferenciação para ganhar o mercado europeu e competir com a China, mas os chineses também estão na diferenciação, e fortemente. Eles começaram na massificação, treinaram a mão-de-obra, e hoje fabricam produtos de qualidade. Para ganhar o mercado externo o Brasil tem que levar até o cliente o valor agregado, a responsabilidade social, questão

ambiental, diferenciação, uma série de coisas que os convençam que não podem depender de um só país.

5 COMPANHIA DE TECIDOS NORTE DE MINAS – COTEMINAS

5.1 – HISTÓRIA E ESTRATÉGIAS

A Companhia de Tecidos Norte de Minas – Coteminas – foi fundada em 5 de dezembro de 1967 em Montes Claros, Minas Gerais, tendo como sócios fundadores, José Alencar Gomes da Silva e Luiz de Paula Ferreira que tinham por objetivo a constituição da mais moderna e competitiva empresa têxtil brasileira.

A história recente da Coteminas pode ser dividida em duas fases. Na primeira fase (1991-1996) a empresa procurou investir na constituição de uma base de ativos sólida e eficiente, aplicando cerca de R\$ 293 milhões na compra de máquinas, equipamentos e edificações, investindo também em alta tecnologia. Os investimentos realizados neste período conferiram à empresa tal nível de competitividade que possibilitaram a redução dos preços de seus produtos, com esta estratégia, a Coteminas aumentou sua participação no mercado de fios e tecidos, o que possibilitou ganhos de escala, com repercussões positivas sobre as margens de lucro, resposta certa à liberalização das importações de têxteis realizada no Governo Collor (HERRMANN e NASSAR, 2001).

No mercado internacional as empresas também passavam por transformações, como o acirramento da concorrência dos países asiáticos e definiram um novo padrão de concorrência, baseado não apenas na liderança de preços, mas igualmente na diferenciação dos produtos e na valorização da marca. A Coteminas não podia ficar de fora desse processo, crescer em um mercado globalizado significava investir em marcas próprias e na distribuição de produtos confeccionados. A empresa produtora de bens intermediários inaugurava uma nova fase em sua história (1997) e como parte dessa nova estratégia de diversificação, a Coteminas lançou-se no mercado internacional.

A empresa realizou a aquisição de marcas fortes no segmento de artigos

para o lar do Brasil e da Argentina: Artex, Santista, Paládio, Calfat, Prata, Supertone, Supercal, Garcia, Aquarela, Arco-íris, Fantasia, Fofinha, Enxuta, entre outras. Já no segmento de camisetas e meias, a empresa procurou desenvolver marcas próprias e na distribuição a Companhia substituiu o seu sistema de vendas através de atacadistas pelo fornecimento direto a hipermercados, grandes redes varejistas, lojas de departamentos e clientes institucionais (hospitais, hotéis etc) (HERRMANN e NASSAR, 2001).

Em decorrência da bem-sucedida estratégia de integração vertical adotada em 1997, a Coteminas transformou-se na maior empresa de produtos têxteis manufaturados no âmbito do Mercosul, com posição de liderança nos segmentos de artigos para o lar e malharia.

Em 2004 o Conselho de Administração da Coteminas autorizou a aquisição de um imóvel industrial na Argentina, com cerca de 20 mil m², para instalação de uma unidade industrial com capacidade de produção inicial de 8.000 toneladas anuais de toalhas de banho (COTEMINAS, 2004). Assim, a Coteminas possui hoje onze unidades industriais em quatro estados brasileiros – Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Paraíba e Santa Catarina – e uma na Argentina. As doze fábricas produzem e distribuem fios, tecidos, malhas, camisetas, meias, toalhas de banho e de rosto, roupões e lençóis.

O ano de 2004 foi muito importante para a indústria têxtil mundial e conseqüentemente para a Coteminas, com o término das cotas de exportação de têxteis em 31 de dezembro como determinado no Acordo de Têxteis e Vestuário (Agreement on Textile and Clothing – ATC). Em 2005 a Coteminas exportou mais de 62 milhões de unidades de toalhas para os Estados Unidos, ao passo que a cota brasileira era de 49 milhões de unidades das quais 32 milhões cabiam a Coteminas.

A disponibilidade de matéria-prima competitiva e de qualidade, mão-de-obra qualificada, boa infra-estrutura de energia elétrica, tecnologia têxtil conhecida e dominada, *design* cada vez mais reconhecido internacionalmente e escala de produção adequada tendo em vista o tamanho do mercado interno são condições ímpares que garantem grande competitividade à indústria têxtil brasileira baseada nas fibras naturais, principalmente o algodão.

Em 2006 a Coteminas enfrentou com determinação o maior desafio de sua história, a integração com a Springs e a consolidação do maior grupo fabricante de artigos para a cama e banho do mundo - a Springs Global, atingindo um dos maiores mercados mundiais de têxteis, os Estado Unidos (COTEMINAS, 2007).

A Coteminas prepara mais uma etapa da internacionalização da sua produção. A empresa mineira planeja ter uma unidade industrial na Ásia para produzir os itens que são sua linha de frente: cama, mesa e banho. Entre os países que poderão abrigar o projeto estão a Índia, o Paquistão e até mesmo a China, forte concorrente no setor têxtil (SALGADO, 2005).

CONCLUSÃO

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de estudar o panorama do setor têxtil no Brasil e na China, comparando ambos, através de análises econômicas e estratégicas, considerando a importância do setor no mercado mundial. Ainda como propósito deste trabalho verificaram-se as táticas utilizadas por uma empresa do setor para competir no mercado têxtil e enfrentar a concorrência chinesa.

A indústria têxtil brasileira sofreu grandes consequências com a abertura da economia em 1990, devido à precariedade do setor e uma cultura organizacional retrógrada, passando por um radical processo de reestruturação empresarial e organizacional. No mercado atual o Brasil é o 7º maior produtor mundial de têxteis, sendo esta indústria muito importante na economia do país, principalmente pela alta empregabilidade, participação no PIB e na balança comercial.

A China vem passando a partir de 1950 por grandes progressos industriais e econômicos. Desde então o país vem apresentando um sustentável crescimento de 9% ao ano. Na economia global a China possui uma posição de destaque, influenciando fortemente as alterações na estrutura e no comércio mundial, principalmente em relação aos preços das mercadorias.

Depois de exposto o panorama do mercado têxtil do Brasil e da China, analisamos o intercâmbio comercial entre os dois países e concluímos que este vem crescendo de forma acelerada desde o ano 2000, sendo as relações de trocas bastante diversificadas, enquanto o Brasil se apresenta fundamentalmente como um fornecedor de produtos básicos e semimanufaturados para a China, a pauta de importações de produtos chineses é composta principalmente de produtos manufaturados com um alto valor agregado.

No setor têxtil, os maiores concorrentes do Brasil se encontram no continente asiático, primordialmente na China, por possuírem produtos competitivos em preço, devido ao excesso de mão-de-obra, câmbio desvalorizado, pequena carga tributária, juros baixos e informalidade fiscal.

Para combater a concorrência chinesa, a indústria têxtil brasileira vem adotando medidas protecionistas e utilizando estratégias focadas na comercialização de produtos de alta qualidade e marcas fortes para nichos de mercado de médio e alto padrão aquisitivo, consolidando a marca no mercado internacional ou utilizando canais de distribuição próprios nas principais cidades do mundo. Ambas as estratégias tem a marca e o *design* como ativos mais importantes para conquistar o consumidor final e se apropriar de uma parcela maior do valor agregado ao longo da cadeia.

Após a análise das estratégias adotadas pelo setor têxtil brasileiro na relação com a China, partimos para a verificação das táticas utilizada por uma empresa do setor. A empresa escolhida foi a Companhia de Tecidos Norte de Minas – Coteminas, considerada a maior indústria têxtil no âmbito do Mercosul.

Concluímos que as estratégias utilizadas pela Coteminas foram essenciais para torná-la competitiva no mercado globalizado. A empresa além de investir na redução de custos explorou os segmentos de malharia e artigos para o lar, onde a China tem uma baixa atuação e a empresa é favorecida pela grande oferta no mercado brasileiro de sua principal matéria-prima, o algodão. A Coteminas adquiriu marcas fortes e investiu na expansão do seu parque industrial com a compra de uma unidade produtiva na Argentina, parcerias com grandes empresas do setor e a fusão com a norte americana Springs,

formando a Springs Global, atingindo um dos maiores mercados consumidores de produtos têxteis, os Estados Unidos.

De uma maneira geral o trabalho permitiu constatar que a China é realmente uma superpotência mundial no segmento têxtil, mas através da adoção de estratégias e do uso de suas potencialidades a indústria têxtil brasileira mostrou-se competitiva, mantendo-se no mercado e expandindo-se gradativamente.

BIBLIOGRAFIA

- ABIT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL. Disponível em: <<http://www.abit.org.br>> Acesso em diversas datas entre out. 2006 e jul. 2007.

- BANCO MUNDIAL. Disponível em: <<http://www.obancomundial.org>> Acesso em: 10 mar. 2007.

- CORRÊA, Abidack; MONTEIRO, Dulce Corrêa Filha. In: BNDES (Orgs.) *BNDES 50 anos Histórias Setoriais: O Complexo têxtil*, Rio de Janeiro: BNDES, 2002. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/conhecimento/livro_setorial/setorial11.pdf> Acesso em: 28 abr. 2007.

- COTEMINAS - COMPANHIA DE TECIDOS NORTE DE MINAS. Disponível em: <<http://www.coteminas.com.br>> Acesso em diversas datas entre out. 2006 e jul. 2007.

- GORINI, A. P. F. Panorama do setor têxtil no Brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas. *Revista do BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n.12, p.17-50, set. 2000.

- HERRMANN, Isadora; NASSAR, André Meloni. In: NEVES, Marcos Fava; SCARE, Roberto Fava. (Orgs.). *Marketing & Exportação: Coteminas – O*

desafio da inserção no mercado externo. São Paulo: Atlas, 2001. cap. 16, p. 251-270.

- HUIJIONG, Wang. *Industrialização e reforma econômica na China. A Economia mundial em transformação*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1994. p.13-52.

- LAHÓZ, André; CAETANO, José Roberto. A China vai conquistar o mundo. E sua empresa está na mira. *Portal Exame*, São Paulo, 4 mai. 2005. Disponível em:

<http://portalexame.abril.com.br/edicoes/842/negocios/conteudo_69585.shtml>

Acesso em: 5 jun. 2007.

- LANDIM, Raquel. Acordo com a China não segura importação têxtil. *Valor Econômico*, 8 mai. 2007. Disponível em: <<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=352972>> Acesso em: 12 jul. 2007.

- MACHADO, João Bosco Mesquita; FERRAZ, Galeno Tinoco. *Comércio externo da China e efeitos sobre as exportações brasileiras*. 2005, 143 f. (Texto para discussão). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, Rio de Janeiro, 2005.

- MERCADO aberto - China assina acordo têxtil com o Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. B2, 8 mar. 2006. Disponível em: <<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=253745>> Acesso em: 4 jul. 2007.

- MOREIRA, Juan Ricardo Cruz. *Industrial upgrading nas cadeias produtivas globais: reflexões a partir das indústrias têxteis e de vestuário de Honduras e do Brasil*. 2003, 275 f. (Tese de doutorado em Engenharia de Produção). Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

- NASCIMENTO, Edson Ronaldo. *Entendendo a China*. 2006, 33 f. (Texto para discussão). Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC, Brasília, 2006.

- NEVES, Maria. Sindicato considera desoneração da produção vital para o setor têxtil. *Jornal da Câmara*, Brasília, ano 8, n. 1850, p. 8, 14 jun. 2007.

- PROCHNIK, Victor. *Estudo da competitividade das cadeias integradas do Brasil: impactos das zonas de livre comércio – Cadeia: Têxtil e Confecções*. 2002, 103 f. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia – UNICAMP-IE-NEIT, Campinas, 2002.

- RIBEIRO, Fernando; POURCHET, Henry. O perfil do comércio Brasil-China. *Revista Brasileira de Comércio Exterior – Funcex*, Rio de Janeiro, n. 79, abr./jun. 2004.

- SALGADO, Raquel. Coteminas procura parceiros para produzir na Ásia e no Oriente. *Valor Setorial*, São Paulo, 1 ago. 2005. Disponível em: <<http://www.valoronline.com.br/valoronline/Geral/empresas/19/Coteminas+procura+parceiros+para+produzir+na+Asia+ou+no+Oriente,,,19,3178599.html>> Acessado em: 02 nov. 2006.

- SETOR têxtil chinês crescerá 15% em 2007, apesar das restrições. *Uol Notícias*, São Paulo, 25 mar. 2007. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/economia/ultnot/2007/03/25/ult1767u89266.jhtm>> Acesso em: 18 jun. 2007.

- VALVERDE, Rosembergue. *Vantagens comparativas do BRIC e gestão do comércio exterior*. In: 30 ENANPAD 2006, 23 a 27 de Setembro, 16 f. (Dissertação de Mestrado em Finanças). ENANPAD 2006, Salvador, 2006.